

VERDADES CLINICAS

II

A nossa pathologia foi tida, durante muito tempo, como exotica,, quer dizer, todas as nossas doenças eram diversas, em seu aspecto, das que se costumavam verificar no continente europeu, as quaes serviam de padrão ou modelo para todo o mundo. A nossa nosologia se compunha, assim, de doenças que eram proprias ao nosso clima, denominadas tropicaes, e de outras que, sobre serem communs a ambos os continentes, se revestiam, aqui, mercê de factores mesologicos, de physionomia differente, que as tornavam, por vezes, irreconheciveis e inamoldaveis ao estalão classico.

Nós tínhamos, desse modo, a nossa pathologia propria, especial, a que se applicava, além-atlantico, a denominação de exotica denominação que, admittidos como verdadeiros aquelles pontos de vista, era justa e adequada.

Se, entretanto, para a medicina européa, as nossas doenças eram exoticas, o mesmo já se não poderia dizer em relação a nós, que, jamais, assim as deveriamos taxar. Mas, o termo ficou, creou raizes, e esteve a pique de officialisar-se com a introduccão, por mais de uma vez tentada, da cadeira de pathologia exotica nos nossos cursos medicos.

Ora, em tudo isso que ahi está, ha um grande erro de observação, a par do esquecimento de que as doenças, quaesquer que ellas sejam, e onde quer que appareçam, apresentam certas tonalidades ou matizes, accentuações ou esmaecimentos das suas côres symptomaticas. Não ha, não pôdem haver, fôrmas immutaveis ou rigidas dentro das quaes se possam encaixar os varios typos morbidos, que são passiveis de transmutações consoante as condições de meio, segundo as circumstancias dependentes do germe e de acôrdo com as qualidades, boas ou más, do terreno em que este ultimo se implanta.

Estes factores, que agem no sentido de modificar a exteriorisação dos processos morbidos, physica e funcionalmente falando, o que se costuma chamar de physionomia clinica das doenças, tanto existem aqui como em outro qualquer ponto da terra. Não ha doenças, ha doentes, é um conhecidissimo proverbio, que dimana, claramente, dessas noções.

Ao lado do especime classico, no qual se deparam ao clinico todos os symptomas apontados pelo pathologista, formigam os typos que aberram da craveira commum, já porque de traços apenas de-

lineados e fugidios, já porque se lhes alteraram a tal ponto as linhas mestras symptomaticas, que, á sua physionomia, se afigura ao clinico afivelada outra mascara que não a propria.

E' claro que taes factores são geraes, ubiquos, e não particularisaveis a determinado meio, que, por si só, não tem capacidade para imprimir ás molestias alterações de character especifico, como não lhes póde crear, a taes molestias, fórmulas ou typos clinicos á parte.

Em qualquer clima ou latitude, uma determinada doença está sujeita ás mesmas contingencias, a que não ha fugir.

A pneumonia, aqui, é a mesmissima pneumonia da Europa: é o mesmo o germe, com as suas varias raças, que a determina, são as mesmas as lesões, que soffre o organismo, o qual, por seu lado, se defende do mesmo modo, com as mesmas reacções.

Se lá, na patria da pneumonia, verificam-se abundantes fórmulas clinicas, modos de ser da doença, resultado da interferencia de certos factores, que a modificam, por cá tambem as encontramos, subsistindo, como subsistem, as mesmas causas communs.

Por isso, nada nos autorisa a proclamar a existencia de uma pneumonia nossa, dotada de caracteres peculiares a influencias mesologicas locais e que possa ser individuada e descripta como uma authentica pneumonia exotica ou tropical, diversa da pneumonia verdadeira ou européa.

Não. Longe vão os tempos em que taes idéas valiam por moeda batida, tempos em que, da boca dos doutos, brotava, como sentença de ouro, a affirmação de que a pneumonia, tal como a observavam os clinicos alienigenas, era desconhecida entre nós.

Hoje, ninguem ha que subscreva e reedite semelhantes conceitos, fructos da má observação e de falsos prejuizos, e que resvalam pelo dislate; a pratica clinica desmente-os a cada passo. A pneumonia é uma só doença e que, como toda a doença, se reveste de aspectos varios, os quaes se encontram aqui ou fóra daqui: nós somos, em materia de pneumonia, tão ricos e fertes como os paizes que mais o sejam.

De facto, desde as fórmulas mais puras e classicas, em que se está como que a lér, no doente, as admiraveis paginas da pathologia, até as fórmulas deturpadas, disfarçadas e espurias, desfilam, constantemente, sob os olhos do clinico. Neste doente, nada falta á natural dramatisação do processo pneumonico: a cruciante pontada, e o calefrio impetuoso, e a irrefreavel ascenção thermica, prenunciam, de um só golpe, a invasão do mal, cujo desenrolar se estende, mais ou menos accidentadamente, pelos dias certos e contados. Os phenomenos apparecem cada um a seu tempo, precisos, opportunos, mathematicos, bem concatenados, como os que a mão

do homem regista e dispõe em uma pellicula. Depois, instantaneamente, como vieram, assim se vão.

Naquelle outro, o assalto já não é inopinado: os symptomas de inicio sobrevêm pouco intensos, apagados, e a doença se installa lenta e demoradamente, e se arrasta, vagarosa e irregular, por mais de uma quinzena, e os phenomenos denunciadores della surgem e desaparecem, vão e vêm, em marchas e contra-marchas, em attitudes negaceadoras. Aqui, são os signaes physicos de uma rigorosa simultaneidade com as phases anatomicas e com os symptomas funcionaes. Allí, é a disparidade completa entre uns e outros.

No terreno das complicações, não existe uma unica, exarada pelos autores estrangeiros, que se não possa verificar entre nós, desde os grandes pleurizes suppurados até a meningite pneumococica, sempre grave e fatal.

De resto, que ha de extraordinario em tudo isso, quando se sabe que o agente pathogenico é precisamente o mesmo? Nada: estas verdades ahi ficam, na sua singeleza, quasi pleonasticas, para que se derribe, de uma vez por todas, a muralha chinesa que serve de valhacouto aos ultimos defensores dessa avelhentada e insustentavel pathologia exotica.

OVIDIO PIRES DE CAMPOS.

LABORATORIO DE MICROSCOPIA

E

ANALYSES CLINICAS

Dr. Altino Antunes

RUA DO CARMO N. 11

Telepho. 2463 (Central)

SÃO PAULO